

**A MATÉRIA DE BRETANHA E A HISTORIOGRAFIA MEDIEVAL: DA
HISTÓRIA REGUM BRITANNIAE ÀS PRIMEIRAS CRÔNICAS
PENINSULARES EM LÍNGUA ROMANCE ***

Juliana Sylvestre da SILVA

RESUMO A *Historia Regum Britanniae* (História dos reis da Bretanha), de Geoffrey de Monmouth - escrita por volta de 1136 -, é conhecida como a primeira manifestação escrita da literatura arturiana, também chamada Matéria de Bretanha. A partir desta obra, muitos escritores compuseram seus trabalhos baseados na lendária história medieval do monarca da Bretanha: o rei Artur. Desde então, a história do rei Artur tem sido usada tanto como fato real quanto como ficcional em vários textos e contextos. Esse estudo, além dessa incorporação do material arturiano - desde o século XII até o XIV - por parte dos romans ao longo da literatura medieval, pretende analisar o uso deste material nos primeiros textos históricos peninsulares escritos em língua vernácula: a *General Estoria* (1272-1284), de Afonso X, O Sábio, e o *Livro de Linhagens* (1340-1344), composto por Pedro de Barcelos.

ABSTRACT *The Historia Regum Britanniae (History of the kings of Britain) - written in 1136 by Geoffrey of Monmouth -, is known as the first written Arthurian material. From this, many writers have composed our works based on that legendary medieval sovereign of Britain: the King Arthur. Since that time, the king Arthur's history has been used as much as real or fiction fact in various texts and contexts. This present study, besides this Arthurian material incorporation - from the twelfth to the fourteenth century - by the romans through the medieval literature, intends to analyse the use of this Arthurian material in the first peninsular historic texts written in vernacular language: the General Estoria (1272-1284), by Afonso, The Wise, and the Livro de Linhagens (1340-1344), composed by Pedro de Barcelos.*

A diferenciação entre o que se quer chamar de história e o que se pretende ficção não deixa de estar presente na Idade Média. Frequentemente o escritor, através de seus

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentado ao Curso de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 31 de agosto de 2004, orientada pelo Prof. Dr. Alexandre Soares Carneiro.

prólogos, procurava dizer quais eram as intenções de sua obra, e mesmo o título, contendo a palavra “história” ou “crônica”, num primeiro momento sempre em latim - língua autorizadora da verdade e do saber -, definia o que ele pretendia fazer nas páginas que se seguiriam. Cabia ao leitor operar com o texto a partir deste primeiro direcionamento. À narrativa histórica – amparada na exposição de detalhes que atestariam sua veracidade, como a existência de um manuscrito anterior ou de fontes em latim, ou a menção de obras de autores antigos que “diriam a verdade” - caberia tentar convencer este leitor de que, de fato, tratava-se de uma rememoração de fatos autênticos, ocorridos há tempos. Estes fatos dignos de serem lembrados eram dos mais diversos tipos e, enquanto parte de obras encomendadas por cortes reais, deveriam expressar glórias que exaltassem seus “patrocinadores” ou que a eles servissem para alcançar uma posição de destaque.

Os primeiros *romans*, escritos em verso e em língua romance (como o próprio nome indica), não eram vistos, no entanto, como “não verdadeiros” durante o século XII. No entanto, a partir do século seguinte, passa-se a questionar a veracidade destes escritos devido à sua forma versificada. O “embelezamento” da palavra através dos versos seria, portanto, nocivo para a verdade, e é neste momento que começam a se desenvolver os romances em prosa. Deste processo, destacamos, como exemplo, os escritos de Robert de Boron, cuja obra, originalmente em verso e da qual muito pouco chegou até nós, foi reescrita em prosa, adequando-se aos novos critérios de veracidade que se exigiam da produção literária arturiana.

Assim, se consideramos trabalho inútil e pouco fecundo tentar estabelecer limites entre a história (real) e a literatura (ficcional) neste momento, por outro lado se mostraria extremamente interessante analisar as possibilidades que os próprios textos apresentam enquanto correspondentes da realidade. Seria, no entanto, trabalho imenso apreender todos os indícios de historicidade (enquanto traços de que o autor efetivamente via nestes relatos, possibilidade de correspondência com fatos reais ocorridos no passado) de cada um dos textos aqui contemplados (Geoffrey de Monmouth e sua *Historia Regum Britanniae*; Wace e seu *Roman de Brut*; toda a obra arturiana de Chrétien de Troyes, *A morte do rei Artur*, pertencente ao ciclo da *Vulgata*; a *Demanda do Santo Graal* do ciclo da *Post Vulgata*, a *General Estoria* e o *Livro de Linhagens*). Diante das limitações de tempo e dos objetivos a serem atingidos, dizemos que este trabalho dedica-se apenas a levantar questões relativas à historiografia em sua recuperação e incorporação de elementos das narrativas arturianas, especialmente no que diz respeito à Península Ibérica.

Os textos aqui elencados, portanto, possuem entre si uma qualidade comum: todos eles elaboram a chamada Matéria de Bretanha - escritos que desenvolvem o tema do rei Artur da Bretanha e de sua corte -, seja enquanto pano de fundo para aventuras relacionadas ao tema cortês (como Chrétien de Troyes), seja na elaboração de uma sucessão de reis (como na *Historia Regum Britanniae* e na *General Estoria*) ou como cenário para a busca religiosa rumo a uma “cavalaria celestial” (como na *Demanda portuguesa*). Assim, atendendo a objetivos vários dentro das narrativas, cabe observar

a multiplicidade de interpretações que pode haver acerca do tema arturiano na literatura dos séculos XII a XIV, colocando lado a lado tanto os textos que são inseridos normalmente no gênero historiográfico quanto aqueles chamados de ficcionais.

Embora esta distinção se faça de modo tão pouco claro no período, decidimos manter na dissertação uma organização de capítulos que desse a entender que haveria de fato, em um primeiro momento, uma separação, para, a partir da leitura dos textos, observarmos mais concretamente os elementos da questão.

Desta forma, começamos o trabalho fazendo um breve apanhado teórico acerca daqueles que poderiam ser os chamados textos historiográficos canônicos da Idade Média. No primeiro capítulo, há uma breve indicação sobre os modelos de escrita historiográfica preponderantes desde a Antiguidade Cristã até o século XIV, com o advento da historiografia em língua romance. Este contato inicial com o gênero historiográfico visa à compreensão de certos procedimentos que seriam marcantes nas obras que serão estudadas nos capítulos posteriores.

No capítulo II, procuramos mostrar o desenvolvimento da matéria arturiana ao longo dos séculos, até os primeiros textos vernaculares da Península Ibérica, para os quais novamente caberia a qualificação de historiográficos. Esta última tentativa de aproximar as duas matérias - a da nascente historiografia romance e a ficção arturiana - procura incitar uma leitura que demonstre o tênue limite que separa uma da outra neste contexto. Partindo então da *Historia Regum Britanniae* (c. 1136), e escolhendo textos que fossem os mais representativos de cada um dos períodos por que passa a Matéria de Bretanha - ou seja, a vernacularização da obra de Monmouth com Wace, a difusão com Chrétien de Troyes, a prosificação dos escritos de Robert de Boron e os ciclos de romances da *Vulgata* (*Morte do rei Artur*) e *Post-Vulgata* (*Demanda do Santo Graal*)¹ -, buscamos traçar um panorama da literatura arturiana enquanto fonte da historiografia.

O capítulo III abarca justamente a junção entre o material advindo dos romances e as narrativas históricas. Em um primeiro momento, procuramos destacar, novamente, os chamados “cânones” que orientam a produção historiográfica da Península Ibérica, com seus principais autores e obras. Em seguida, passamos à análise das obras escolhidas - *General Estoria* (1272-1284) e *Livro de Linhagens* (1340-1344) - quanto ao tipo de material incorporado e ao modo como essa incorporação se dá, analisando o tipo de aventura escolhida na inclusão da Matéria de Bretanha no texto, o lugar que esta matéria ocupa na narrativa, as fontes a que é atribuído o trecho destacado, etc. Por questões de

¹ Todas estas obras foram analisadas em nosso projeto de Iniciação Científica, intitulado: “A *Historia Regum Britanniae* (1135-1138) de Geoffrey de Monmouth e a caracterização de rei Artur na narrativa medieval”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), no período de dezembro de 1999 a novembro de 2000 - processo: 99/02344-0.

tempo, complexidade temática e abrangência do trabalho, não nos foi possível - e nem era essa nossa intenção - oferecer respostas finais à questão abordada. O que pretendíamos era lançar este novo olhar para a produção arturiana, procurando identificar o que há de diferente na apreensão da matéria nos diversos gêneros literários abordados - incluindo-se agora o gênero histórico -, sobretudo quanto à escolha de fatos a serem referidos e recuperados.

Acreditamos que a principal inovação do trabalho se dá no sentido de aproximar dois conjuntos de textos arturianos que a tradição crítica tendeu a afastar – um grupo com características ficcionais, normalmente objeto de estudo dos historiadores da literatura, e outro grupo, com características historiográficas, cujo estudo interessou mais diretamente aos historiadores. Até que ponto é válida uma distinção clara entre o estatuto ficcional ou historiográfico destes textos é algo que esta dissertação pretendeu também examinar, mas certamente as fronteiras foram se modificando ao longo do tempo. E, de qualquer forma, os nexos que aproximam estes textos parecem, neste momento, mais relevantes para a compreensão geral do fenômeno arturiano, no que diz respeito à sua presença na Península Ibérica.

O espinhoso do trânsito entre ficção e história aparece já a partir de seu início anglo-normando, quando é executada a versão romance da *Historia Regum Britanniae* por Wace (*Roman de Brut*) e vemos aparecer o questionamento do próprio autor acerca da veracidade daquilo que não é escrito, mas sim narrado pela tradição oral - e se constitui como questão decisiva. Examinando os textos ibéricos e seus antecessores, buscamos tentar entender o que cada um oferecia acerca de uma possível diferença entre os gêneros. Assim, por exemplo, no Prólogo à *General Estoria* há indicações sobre o que se entende e a que se pretende um escrito histórico. Segundo o autor da obra, Afonso X, o saber deve ser estendido a todos os homens, pois o exame dos fatos e a curiosidade pelo conhecimento são inerentes aos seres humanos. Atendendo a esta propriedade humana, existiram sábios que se dedicaram a “meter por escrito” os feitos praticados ao longo dos tempos, a fim de que fossem lembrados. Estes sábios fizeram, então, muitos livros a que se chamam

“estorias e gestas, em que contarom delos fechos de Dios, e delos prophetas, e delos sanctos et outrossi delos reyes e delos alios omnes e delas cauallerias e delos pueblos; e dixieron la uerdad de todas las cosas e non quisieron nada encobrir (...). Et esto fizieron, por que delos fechos de los buenos tomassem los omnes exemplo pora fazer bien, et delos fechos delos malos que reçibiessen castigo por se saber guardar delo non fazer.”²

O relato dos acontecimentos passados deve servir então, na perspectiva de Afonso X, não somente como fonte de informações, mas como exemplo daquilo que deve ou não ser feito, cuja avaliação se faz a partir das conseqüências que cada ato produz e,

² *General Estoria*, I, p. 3.

não raro, pela própria interferência do autor que dignifica ou condena abertamente aquilo que narra. O rei Artur e suas façanhas atenderiam muito bem a essa vocação da história de contar sobre os *reyes* e os *altos omnes e delas cauallerias*.

Como o Rei Sábio, o Conde de Barcelos também deixa claro seus propósitos “morais e educativos”, embora estes sejam dirigidos ao fortalecimento do que ele chama de “laços de amizade” entre os nobres. A inclusão da matéria arturiana está justificada através da recuperação de uma linhagem nobre, pois mantém um importante elo entre uma figura antiga - Brutus - e um dos monarcas que a Idade Média conheceu e reverenciou, Artur. Mas não é apenas por isso que a Matéria de Bretanha permanece e se institui como fonte fundamental dentro de importantes escritos historiográficos do período. A sua identificação com o público em geral deveria ser bastante grande, competindo ao historiador, sobretudo no caso específico daqueles que se ocuparam em compilar o *Livro de Linhagens*, ser aquele que “monta uma arquitetura da história e arquiva o que de lendas e narrativas conservou a tradição”³. Desta forma, Artur, diante do seu prestígio e imensa difusão, não poderia ver ignorados os seus feitos, nem sua incontestável existência histórica, cristalizada até o século XVI.

O último capítulo deste trabalho concentrou-se, no caso da obra do Rei Sábio, no episódio da fundação mítica da Bretanha por Brutus, neto de Enéias, momento no qual Afonso X recupera *ipsis litteris* a invocação de Brutus à deusa Diana e a resposta desta em sonho. A grandiosidade de Artur também se conserva em momentos como este, na medida em que o objetivo de Monmouth quando reproduziu esta cena era construir um elo entre aquele rei bretão e o mundo antigo, evidenciando, mais uma vez, a nobreza deste monarca. A inclusão desta passagem na obra de Afonso X não deve ser interpretada como meramente ocasional, mas sim manifestação da persistência do tema da *translatio* na época do Rei Sábio, interessado também em recuperar um elo com um mundo anterior pleno de glória.

Na análise do *Livro de Linhagens* do Conde D. Pedro de Barcelos, nosso foco foi a porção portuguesa da Península, através da obra deste bisneto e “discípulo” de Afonso X, já que é inegável a influência das narrativas históricas do rei de Castela nas suas obras. Ao que tudo indica, Pedro de Barcelos teria utilizado, nas passagens relativas aos monarcas da Bretanha, o *Liber Regum*, em uma refundição navarra, do século XIII, que traria, entre outros dados, a genealogia dos reis daquela ilha, conforme estabelecida por Geoffrey de Monmouth. É importante notar que estamos diante de uma obra - o *Liber Regum* - que se valeu não só deste escrito historiográfico de Monmouth, mas também de informações contidas nos *romans* que deviam circular naquele momento. Assim, ainda que retomemos o percurso inicial da popularização da história de Artur - com Wace, baseado no relato histórico de Geoffrey de Monmouth -, quando voltamos ao campo historiográfico estamos diante de uma nova realidade na qual os *romans*

³ Soares Amora, *O nobiliário do Conde D. Pedro*, p. 79.

servem, também, como base para a história. Da mesma forma, uma obra dita historiográfica como a de Monmouth foi incorporada pelos *romans*, constituindo-se ela própria uma recolha de lendas e temas que já circulavam oralmente entre os jograis.

Na obra de D. Pedro, Artur, enquanto personagem histórico, ainda mantém seus contornos heróicos, mas não há um grande desenvolvimento das suas ações, principalmente pela descrição extremamente resumida dos fatos relativos ao monarca. No entanto, momentos importantes podem ser destacados, como o início “romanesco” da batalha entre o rei bretão e Mordred (uma serpente teria desencadeado “por acaso” o combate) e a identificação de Gawain como filho de Artur, embora no livro-base de Pedro de Barcelos a personagem conste como “sobrinho” do rei. Deve-se levar em conta também que o fato de se estabelecer determinada obra como fonte de informações não garante que esta tenha sido seguida de forma fiel. É natural que o autor, ao se valer de determinado texto, selecione os fatos de modo a valorizar determinados aspectos em detrimento de outros. Portanto, o exame do *Livro de Linhagens* oferece a possibilidade de vermos incorporados dados que, ainda que advindos de fonte conhecida, indicam - a partir da apropriação e seleção - o ponto de vista do seu compilador, o que nos permite conhecer melhor o pensamento do historiador e até mesmo o lugar e o *status* ocupado pela Matéria de Bretanha em seu tempo.

A história de Artur vai sendo recontada de diversas formas e modificada. Não há aqueles a que podemos chamar de “mais verdadeiros” ou “mais históricos”, categorias inválidas dentro deste contexto. Cada autor se permite reescrever o mito, pautando-se em seus próprios conceitos de verdade e de construção do verossímil. Eles afirmam que estão escrevendo fatos reais e que podem “prová-lo” a partir de fontes: textos latinos, manuscritos autênticos que ninguém, além de seus próprios autores, jamais pôde ter em mãos. Definir um texto como histórico ou ficcional para estes homens não é o problema, mas esforçar-se para ser verossímil, sim. E, embora este conceito seja aparentemente amplo demais pelas variações que abarca ao longo dos textos, devemos fazer como diz Bernard Guenée: “*para bem compreender uma obra medieval, é necessário saber em que tipo de obra o próprio autor entendia situar-se*”⁴. Se temos diante de nós um texto que se diz historiográfico, não podemos aplicar nossas leis de verossimilhança ou documentação; basta-nos saber que o autor se pressupõe um historiador e, mais do que isso, que ele não se colocava de modo diferente diante do romancista - termo por eles desconhecido -, pois todos acreditavam que abarcavam a verdade enquanto escreviam, e isso era o que lhes bastava.

⁴ Bernard Guenée. “Histoire et Chronique: nouvelles réflexions sur les genres historique au Moyen Age.” In: *La Chronique et la histoire au Moyen Age*, p. 3.

BIBLIOGRAFIA

- AFONSO X. (1930). *General Estoria: primera parte*. Madrid: Junta para ampliación de estudios e investigaciones científicas - Centro de estudios históricos.
- _____. *General Estoria: segunda parte*, tomos I e II (edição de Antonio Garcia Solalinde, Lloyd Kasten e Victor Oelschläger), Madrid: Consejo superior de investigaciones científicas - Instituto “Miguel de Cervantes”, 1957-1961.
- _____. (1984). *General Estoria - Antologia*. Barcelona: Plaza & Janes.
- ALVAR, C. et alii. (1991). *La prosa y el teatro en la Edad Media*. Madrid: Taurus.
- ALVAR, C. & GÓMEZ MORENO, A. (1990). *La poesía épica y de clerecía medievales*. Madrid: Taurus, 1ª reimpressão.
- AMORA, A. S. (1948). *O Nobiliário do Conde D. Pedro: sua concepção da História e sua técnica narrativa*. S.P.
- ARIÈS, P. (1989). “A atitude diante da história: na Idade Média” (1950). In: *O Tempo da História*. R.J.: Francisco Alves, p. 89-134.
- BAUMGARTNER, E. (1995). *Le récit medieval*. Paris: Hachette.
- BEZZOLA, R.R. (1984). *Les Origines et la Formation de la Littérature Courtoise en Occident (500-1200)*. Genève/Paris: Slatkine/Champion.
- BLOCH, M. (1987). *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70.
- CASTRO, I. (1993). “Livro de José de Arimatéia”. In: TAVANI, G., LANCIANI, G. (org). *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, p. 409-411.
- _____. (1993). “Matéria de Bretanha”. In: TAVANI, G., LANCIANI, G. (org). *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, p. 445-450.
- _____. (1983). “Sobre a data da introdução na Península Ibérica do ciclo arturiano da *Post-Vulgata*”. *Boletim de Filologia*, 28, fasc. 1-4, p. 81-98.
- CIRLOT, V. (1987). *La novela arturica: los orígenes de la Ficción en la Cultura Europea*. Barcelona: Montesinos.
- CHRÉTIEN DE TROYES. (1994). *Œuvres Complètes*. Paris: Gallimard.
- _____. (1992). *Perceval ou O Conto do Graal*. S. P.: Martins Fontes.
- _____. (1998). *Romances da Távola Redonda*. 2. ed., S. P.: Martins Fontes.
- CURTIUS, E.R. (1995). *Literatura Europea y Edad Media Latina*, Vol. 1. México: Fondo de Cult. e Economía.
- Demanda do Santo Graal: manuscrito do século XIII*. S. P.: T.A. Queiroz/ EDUSP, 1992.
- DUBY, G. (1981). *Le Chevalier, la femme et le prêtre: le mariage dans la France féodale*. Paris: Hachette.
- _____. (1997). *Damas do século XII: a lembrança das ancestrais*. S.P.: Cia. Das Letras.
- _____. (1989). *Idade Média, Idade dos homens: do amor e outros ensaios*. S.P.: Cia das Letras.
- FARAL, E. (1969). *La Légende Arthuriennne - Première Partie: les plus anciens textes: études e documents* (Tome I: Des origines a Geoffrey de Monmouth; Tome II: Geoffrey de Monmouth; Tome III: “Documents”). Paris: Champion.

- GILSON, E. (1989). "Le Moyen age et l'histoire". In: *L'esprit de la Philosophie Médiévale*. Paris: J. Vrin, p. 365-382.
- GÓMEZ REDONDO, F. "Historiografía Medieval: constantes evolutivas de un género". In: *Estudios Ofrecidos a Don Emilio Sáez*, t. III (Anuario de Estudios Medievales, 1989), p. 3-15.
- GARCÍA GUAL, C. (1990). *Primeras Novelas Europeas*. Madrid: Istmo.
- _____. (1996). *Historia del rey Arturo y de los nobles y errantes caballeros de la Tabla Redonda*. Madrid: Alianza Editorial.
- GEOFFREY DE MONMOUTH. (1994). *Historia de los Reyes de Britania*. 5. ed., Madrid: Ed. Nacional/Siriuela.
- GUENÉE, B. (1980). *Histoire et Culture Historique dans l'Occident Médiéval*. Paris: Aubier.
- _____. (1985). *Occidente durante los Siglos XIV y XV - los Estados*. Barcelona: Labor.
- _____. "Histoire et Chronique: nouvelles réflexions sur les genres historique au Moyen Age". In: POIRION, Daniel (org.). *La Chronique et la histoire au Moyen Age: coloquio de 24 et 25 mai 1982*. Paris: Sorbonne, 1986, p. 3-12.
- HANNING, R.W. (1966). *The vision of History in early Britain, from Gildas to Geoffrey of Monmouth*. New York: Columbia University Press.
- KASTEN, L. "The utilization of the *Historia Regum Britanniae* by Alfonso X". *Hispanic Review: studies in memory of Ramón Menéndez Pidal*, Vol. 38, n. 05, nov./1970, p. 97-114.
- KRUS, L. (1994). *A concepção nobiliárquica do espaço ibérico (1280-1380)*. Lisboa: Fund. C. Gulbenkian - JNICT.
- _____. (1994). "O discurso sobre o passado na legitimação do senhorialismo português dos finais do século XIII". In: *Passado, memória e poder na sociedade medieval portuguesa. Estudos*, Redondo, Patrimonia, p. 197-207.
- _____. (1994). *Passado, memória e poder na sociedade medieval portuguesa. Estudos*, Redondo, Patrimonia.
- _____. (1982). "A vivência medieval do tempo". In: *Estudos de história de Portugal*. Vol. I: séculos X-XV. Lisboa: Estampa, p. 343-355.
- Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*. "Apêndice" à Crónica de 1344 do Conde de Barcelos (preparada por Diego Catalán y María Soledad de Andrés en el Seminario Menéndez Pidal de la Universidad de Madrid). Madrid: Gredos, 1970, p. 213-358.
- MATHEY-MAILLE, L. (1997). "Mythe Troyen et Histoire Romaine: de Geoffrey de Monmouth au Brut de Wace". In: *Entre Fiction et Histoire: Troie et Rome au Moyen Age* (org. Emmanuèle Baumgartner e Laurence Harf-Lancner). Paris: Sorbonne Nouvelle, p. 113-125.
- MATTOSO, J. (1985). "A literatura genealógica e a cultura da nobreza em Portugal (s. XIII-XIV)". In: *Portugal Medieval: novas interpretações*. Coimbra: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, p. 309-328.
- _____. (1993). "Livros de Linhagem". In: TAVANI, G., LANCIANI, G. (org.). *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, p. 419-420.
- _____. (1994). *A Nobreza Medieval Portuguesa: a família e o poder*. Lisboa: Estampa.
- MEGALE, H. (1995). "Matéria da Bretanha: da França ao ocidente da Península Ibérica". In: *Anais do II Encontro de Estudos Românicos*, UFMG, p. 11-21.

- MENENDEZ-PIDAL, D.C. (1962). *De Alfonso X al Conde de Barcelos - cuatro estudios: sobre el nacimiento de la Historiografía Romance en Castilla y Portugal*. Madrid: Gredos.
- MENENDEZ-PIDAL, G. “Cómo trabajaron las escuelas alfonsíes”. *Nueva Revista de Filología Hispánica*, 5 (1951), p. 363-380.
- Morte do rei Artur: romance do século XIII*. S. P.: Martins Fontes, 1992.
- Narrativas dos Livros de Linhagens* (seleção, introdução e comentários por José Mattoso). Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1983.
- ORCÁSTEGUI, C. & SARASA, E. (1991). *La historia en la Edad Media: historiografía e historiadores en la Europa Occidental: siglos V - XIII*. Madrid: Cátedra.
- RICO, F. (1984). *Alfonso el Sabio y la General Estoria: tres lecciones*. Barcelona: Ariel.
- _____. (1991). “Pasado y presente en la General Estoria”. In: DEYERMOND, A. *Historia y Crítica de la Literatura Española: Edad Media*, Primer Suplemento. Barcelona: Ed. Crítica, p. 191-194.
- TAVANI, G. & LANCIANI, G. (1993). (org.). *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- TATLOCK, J.S.P. (1950). *The Legendary history of Britain. Geoffrey of Monmouth's Historia Regum Britanniae and its early vernacular versions*. Berkeley: University of California Press.
- TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. (1999). “Breve notícia da Matéria Arturiana anterior às traduções ibéricas da *Post-Vulgata*”. *Textos Medievais Portugueses e suas fontes: Matéria de Bretanha e cantigas com notação musical*. S.P.: Humanitas, p. 129-156.
- UITTI, K. D. A. “Note on Historiographical Vernacularization in thirteenth-century France and Spain”. In: *Homenaje Galmés de Fuentes* (1985), I, p. 573-592.
- VIEIRA, Y.F. (1992). “Prefácio” à *Morte de Artur: romance do século XIII*. S. P.: Martins Fontes.
- WACE. (1999). *Roman de Brut: a history of the British*. Exeter: University of Exeter Press.
- ZUMTHOR, P. “Roman et Histoire aux sources d'univers narratif”. In: *Langue, texte, énigme*. Paris: Seuil, p. 237-324.